

Querida leitora, queride leitore, querido leitor,

Não importa nesse momento se você está lendo esse texto depois de já ter visto todo o restante da caixa ou se esse é o primeiro texto com que você se depara, ou o segundo, ou o terceiro. Todos os livros de artista contidos aqui são interconectados, ainda que independentes e não há ordem certa ou sugerida para que você se relacione com esses pequenos livros. A possibilidade de múltiplas organizações da pesquisa se dá nesse lugar fronteiro do que lhe salta aos olhos primeiro, qual página demanda mais ou menos tempo e se há interesse ou não em ler os textos. A proposta editorial desse material opta pela não organização sistemática da ordem dos livros que são desdobramentos da pesquisa, pois acredito que a leitura dessa obra deva ser feita por uma escolha particular de como se relacionar com ela, desconstruindo a ideia do que é um livro e de como deve ser iniciado o contato do leitor com o seu conteúdo. Dessa forma, o primeiro livro pode ser as fotoperformances, ou o volume, ou o texto ou ainda, o primeiro livro é esse que você tem em mãos agora.

Borra é livro, performance, imagem, texto, projeto, política, manifesto e outras tantas coisas que se revelam à medida em que as pessoas e coisas o atravessam e o modificam. Pode também não ser nada disso e se reinventar pelas mãos e corpos que o encontram, o tocam, o manuseiam e reinventam as possibilidades fixas de um material que se apresenta impresso, que se reinventa a cada vez que é aberto, folheado, escutado. Este trabalho é uma pesquisa que se inicia na Universidade Federal de Uberlândia durante a minha graduação em Dança, orientada pela parceira Daniella de Aguiar. Esse projeto-livro-performance foi criado a muitas mãos, muitos afetos, muitas trocas e muitas reflexões trazidas por tantas pessoas que acompanharam sua trajetória, desenvolvimento e angústias. Ao meu lado, tive pessoas incríveis que sempre me incentivaram a buscar a autonomia do meu fazer artístico e a descobrir de que maneira as minhas próprias questões poderiam ser também questões coletivas, na tentativa de amplificar vozes e discursos.

Essa pesquisa é o resultado do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), entretanto, acredito que ao colocá-la em circulação novas possibilidades se abrem e ela não se encontra finalizada. Acredito na construção contínua e coletiva de cada subjetividade que se encontra com esse texto e nas possibilidades que se abrem ao folhear as páginas, olhar graficamente para o livro, ler as palavras e deixar com que os fluxos das interações digam por si.

A pesquisa tem início em 2016, em um momento em que no curso de dança cursamos as disciplinas de Metodologia de Pesquisa, Pesquisa em Artes Cênicas e Estágio Supervisionado (essa última consiste em trabalhar durante 1 ano e meio para a criação de um trabalho prático nas artes do corpo). Como estava cursando as três disciplinas ao mesmo tempo, todas orientadas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniella de Aguiar, comecei a me interessar pela junção de pesquisas. Assim, iniciei o desenvolvimento de uma performance juntamente às pesquisas vinculadas ao TCC. Me parecia muito difícil fazer com que as duas pesquisas caminhassem juntas, considerando que uma delas era puramente teórica e a outra prática. Como fazer então com que textos, leituras e escritas pudessem estar juntas de um processo artístico que se dava na prática? Considero que o estudo teórico de um texto ou a escrita de alguma coisa passa pela experiência do corpo também e que, da mesma maneira, os estudos práticos do movimento são também formas de construções teóricas. Mas, no momento em que fazia todas essas coisas durante as disciplinas, ainda havia uma grande lacuna entre o que eu lia e escrevia e o que fazia em sala estudando movimentos. Aos poucos e com bastante trabalho, fui descobrindo brechas que me permitiam adentrar as questões que me interessavam numa grande mistura entre teoria e prática: o texto que lia me dava material para as cenas e, ao mesmo tempo, as cenas e materiais corporais que descobria em sala acabavam servindo como escopo teórico para a construção dos textos da pesquisa de TCC. Encontro então uma possibilidade concreta de fazer com que as pesquisas práticas e teóricas se misturassem ao ponto de não saber exatamente se o que eu estava fazendo naquele momento era correspondente da minha pesquisa prática artística ou da minha pesquisa teórica conceitual. Um exemplo importante a respeito da junção das pesquisas acontece pelo meu encontro com o livro de instruções de Yoko Ono. Nele, a artista propõe pequenas peças escritas que são instruções para ações práticas, mas que, ao mesmo tempo, algumas delas parecem ser impossíveis de serem realizadas. Me interessei justamente pelas que eram mais subjetivas e que davam nós no meu corpo quando me propunha a realizá-las. Num primeiro momento quis fazer o que Yoko Ono havia escrito, mas, a partir disso comecei a perceber que seria potente poder escrever e realizar as minhas próprias instruções. Assim, uma das cenas presentes na performance é resultado da escrita e realização de uma instrução escrita especialmente para o trabalho a partir de uma adaptação de uma das instruções de Yoko Ono. Para além disso, as instruções acabam sendo uma parte considerável da pesquisa pois utilizo-as como norteadoras de quase todos os livros de artista. As interferências feitas no volume acontecem a partir de instruções. Os preenchimentos de batom nas fotoperformances

também. Assim, possibilito que aspectos da minha pesquisa prática possam ser transpostos à uma produção teórica e também conceitual da pesquisa.

Os interesses da pesquisa surgem por inquietações sobre como é ser/estar mulher no mundo contemporâneo e de que maneira conseguiria me relacionar com tais questões artisticamente. Mais do que isso, me preocupava sobre de que forma conseguiria fazer com que as minhas questões individuais enquanto indivíduo pudessem sair de um aspecto pessoal para construir coletivamente questões que podem ou não passar por outros corpos, outras mulheres e outras subjetividades existentes no mundo. A amplificação de vozes me parecia, desde o início, uma questão pertinente do trabalho e o desafio foi, a partir de inquietações individuais, transformá-las em algo para além de vontades próprias. Assim, fui buscando aos poucos, maneiras de apresentar essas questões em aspectos um pouco mais gerais sem desconsiderar a heterogeneidade do que entendemos hoje por “mulheres”. Para mim, e ancorada em algumas pesquisadoras dos campos da arte, filosofia e antropologia, dizer que existe uma classe denominada “mulher” pode ser um erro. Somos muitas, somos diferentes, estamos inseridas em contextos próprios, questões existenciais particulares, opressões próprias ainda que bombardeadas por opressões coletivas, violências em massa, normas e padrões que tendem a ser aplicáveis a quaisquer corpos denominados femininos. Além disso, a ideia de mulher se torna uma existência que é socialmente construída e também desconstruída. A própria ideia de gênero pressupõe um arcabouço técnico, médico, farmacológico, institucional de controle dos corpos. Já atravessamos, de alguma maneira, a ideia de que a biologia determina o gênero e hoje é possível pensar, existir, agir e se portar no mundo a partir de múltiplas possibilidades em ser e estar mulher. Ainda que os caminhos sejam por vezes embrionários, é possível escutar essas vozes e compreender a importância de visibilidade delas. Assim, questões levantadas nessa pesquisa ainda que particulares e coletivas se mostram diferentes para cada pessoa que se encontra com ela e a lê a partir de suas próprias experiências. Aproveito para dizer que não há uma única leitura das questões trazidas nesses livros e você leitora/leitor/leitora as interpreta e as relaciona a partir de suas próprias visões de mundo que são individuais a você, mas que também esbarram em noções socialmente construídas. Nesse sentido, quando me deparo com as relações paradoxais que constroem aspectos de belezas dos corpos femininos, percebo o quanto esses mesmos aspectos ocupam diferentes lugares ao mesmo tempo. Se por um lado há uma possibilidade de empoderamento e libertação ao usar um batom vermelho, ao mesmo

tempo esse mesmo batom pode ser um instrumento de violência e opressões. É nesse sentido e por esses lugares que a pesquisa transita, pergunta, questiona e propõe.

Acho importante dizer que todas as coisas que escrevi, produzi e refleti não são verdades. Longe disso. Na realidade, gostaria de passar longe de um aspecto verdadeiro do que pesquiso pois entendo que talvez, em algum outro momento, essas questões se modifiquem. Nossas percepções quando colocadas em diálogo podem se modificar e abrir outras novas questões, perguntas e inquietações. Inclusive, peço a você leitora/leitor/leitor que, se sentir necessidade, me diga sobre questões que acredita não serem pertinentes ou que não se aplicam dessa maneira ou então que não concorde sobre o que coloco aqui. Mais do que dizer o que é certo, acredito na construção coletiva e pelo diálogo das pautas e interesses que atravessam nossos corpos diariamente.

Assim, esses 4 materiais contidos nessa coleção são o resultado desse trabalho árduo de pesquisa que culmina em alguns desdobramentos de materiais e possibilidades. Ainda que se apresentem em formas e visualidades diferentes, os resultados da pesquisa transitam por princípios que os norteiam, alguns mais visíveis, outros menos, mas há uma ligação imagética e conceitual que atravessa o trabalho a partir de princípios que o regem. Além de se relacionarem com as questões da pesquisa e serem em si a pesquisa, são também elementos de composição formal dos produtos. São eles: o princípio de pausa, o de interferência, o de receita, o de repetição e o princípio de relação entre beleza e violência. Me parece pertinente que esses princípios se diluam nas imagens e fique a critério de quem ler e/ou ver que identifique de que maneira eles aparecem na pesquisa, sejam eles pela cor do batom, pela pausa na diagramação das páginas, por...

Durante esse tempo de desenvolvimento da pesquisa, consegui compilar algumas formas distintas de apresentar as questões trazidas no processo de criação desse material e você tem em mãos praticamente todos eles, exceto a performance. No momento de organização dos materiais cogitei a possibilidade de colocá-la em vídeo, mas, como ela não foi feita para o formato de vídeo talvez essa solução pudesse apagar aspectos que se delimitam no encontro ao vivo dos corpos. Isso não significa que ela não esteja presente nesse livro, está e é. A performance, “Borra” se dá nas proposições entre beleza e violência em cena, na relação do meu próprio corpo com três objetos: um batom, uma faca e fitas métricas. Me relaciono com eles pela insistência na repetição dos gestos e no esgarçar das funções prontamente atribuídas a cada um deles.

Finalizo esse texto-carta agradecendo pela disponibilidade em compartilharmos juntas/juntos esse material, na insistência de produção de pesquisas que possam, ainda que minimamente, se expandir e fazer pontes.

Agradeço ao curso de dança da UFU e todos os professores e técnicos incríveis com quem tive a oportunidade de trabalhar, aprendendo sobre autonomia e descobrindo pelo corpo as potências da vida e da (re)existência. Agradeço a Cláudia minha mãe amada, a mulher mais forte que conheço, a primeira a me ensinar a força da vida e o tamanho do amor. Não tenho palavras para agradecer a infinitude dos amores que nos regamos. Ao Nilson querido pai, que me ensina tanto nos silêncios. Obrigada por me ensinar o valor do meu próprio caminho. Aos meus irmãos Léo e Tiago, meus mais amados e queridos amigos, por me ensinarem o verdadeiro valor da parceria e do amor que transborda o corpo. Agradeço a Bruna pelos encontros, estradas, afetos e atravessamentos, por criar frestas e deixar a luz entrar. Obrigada pelo amor e pelos territórios artísticos-existenciais compartilhados. Agradeço a Daniella de Aguiar por acolher essa pesquisa e seus desdobramentos, pela construção diária e conjunta das questões que me atravessavam e pela generosidade afetuosa que nos relacionamos. Obrigada por me ajudar a dar vida a essa pesquisa. Agradeço ao Zezão pelas parcerias, pelas diagramações e criações. Agradeço ao Alexandre Molina por ser um disparador artístico e existencial na minha vida, por me ensinar o valor político de me implicar em questões artísticas e por me dizer, em 2015, quando ainda não sabia que eu era artista, que eu conseguiria sim fazer aquela performance. Agradeço a Vivian Barbosa pelo enorme carinho, amor, parceria e afeto, por me ajudar a descobrir tantos caminhos possíveis na vida acadêmica e artística, por me escutar e por ser essa parceira imprescindível na minha vida. À Cláudia Müller, por ser uma grande inspiração na minha vida, pela parceria e trocas e por me inquietar imensamente e me renovar forças cada vez que nos encontramos. Ao Ricardo Alvarenga por me mostrar as infinitas possibilidades do cuidado de si e pelo compartilhar de inquietações artísticas que me atravessam. A Juliana Bom-Tempo pelas trocas de vida e artísticas e de pesquisa e por topar as empreitadas malucas que a vida nos traz. Agradeço a Ana Reis por ter feito parte da pesquisa e compartilhado momentos importantes das descobertas, pelo olhar generoso e inspirador. A Michelle Mattiuzzi por ter assistido minha primeira performance e por ser uma das grandes referências e inspirações da minha trajetória artística. Agradeço minhas amadas amigas que sem elas nada disso teria acontecido. Obrigada pela paciência, pelas ausências, por me amarem tanto e por acreditarem nos nossos afetos compartilhados. A

Rayssa, amiga inspiradora dos ventos da vida que me convida a contemplar o pôr do sol e descobrir nas sutilezas os grandes amores e afetos do mundo. Obrigada pelo olhar generoso e pelos encontros que me fazem sempre melhor. A Vanessa pelos tantos ensinamentos, trocas, trabalhos e amores. Por me ensinar a compartilhar angústias e vibrar juntas por cada conquista. Especialmente, agradeço por sempre embarcarmos juntas nos delírios malucos que a nossa profissão nos permite e por me dizer que vai dar tudo certo.

Agradeço as mulheres que produzem no mundo, que constroem narrativas a partir de seus contextos e lugares de fala. Agradeço as mulheres que lutaram antes de mim e que possibilitam que existamos hoje.

Um grande abraço

Aline Salmin